

O USO DO CONCEITO DE REDES DE ORGANIZAÇÕES NOS ESTUDOS BRASILEIROS

JULIANO NUNES ALVES

UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA- UNICRUZ

admjuliano@yahoo.com.br

LEANDER LUIZ KLEIN

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

kleander88@gmail.com

BRENO AUGUSTO DINIZ PEREIRA

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

brenodpereira@gmail.com

GABRIELA BELTRAME

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

gabibeltrame@hotmail.com

FELIPE DA SILVA RAVANELLO

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

feliperavas@gmail.com

ÁREA: ESTRATÉGIA EM ORGANIZAÇÕES
TEMA: CLUSTER E REDES DE NEGÓCIOS

**O USO DO CONCEITO DE REDES DE ORGANIZAÇÕES NOS ESTUDOS
BRASILEIROS**

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar uma revisão de como vem sendo utilizado o conceito de redes ao longo dos anos pelos pesquisadores brasileiros. O método de revisão de literatura utilizou como critérios de seleção artigos de periódicos nacionais das bases periódicos CAPES e Spell da ANPAD, que tratam sobre redes e possuam relação com um de seus elementos-chave (cooperação, hierarquia, contrato e convivência). A amostra selecionada contemplou 86 artigos os quais foram lidos e analisados. Os resultados do presente artigo demonstraram que no Brasil não existe uma posição única sobre a perspectiva teórica de redes utilizada por seus pesquisadores, porém demonstra alguns pontos importantes para futuros estudos e reflexão do campo, como a possibilidade de ser abordado o tema redes de forma complementar e não excludente, ou seja, as perspectivas tendem a contribuir em futuras pesquisas se consideradas complementares e não como verdades absolutas ou congruentes.

Palavras-Chaves: Redes; Conceito de Redes; Perspectivas de Redes

ABSTRACT

This article aims to present a review about the use of concept of networks over the years by Brazilian researchers. The method of literature revision used as selection criteria national journal articles from CAPES periodicals and ANPAD Spell, related to networking and have relationship between its key elements (cooperation, hierarchy, contract and coexistence). The sample selected included 86 articles, which were read and reviewed. The results of this article showed that in Brazil there is not a unique position on the theoretical perspective of networks used by its researchers. However, it demonstrates some important points for future studies and reflection of the field, such as the possibility to cover the networks topic as complementary but not exclusive, i.e., the perspectives tends to contribute in further research if considered as complementary and not absolute truths or congruent.

Keywords: Networks; Network concept; Network perspective

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre redes interorganizacionais é um tema que vem sendo abordado por diversos autores devido sua importância no meio acadêmico e gerencial e ao mesmo tempo se estendem por uma diversidade de tópicos, como por exemplo, confiança (LARSON, 1992), aprendizagem (DYER; CHU 2003), geração de valor (CORSTEN; GRUEN; PEYINGAUS, 2011), modelo de negócio (RODRIGUES; MACCARI; RISCAROLLI, 2007), etc. Estes tópicos são apenas alguns dos pontos estudados por pesquisadores desse tema, os quais remetem a sua relevância.

Independente do tópico estudado, ao ser realizada uma leitura sobre esse tema, verifica-se que não há certa padronização e congruência quanto ao uso do conceito de redes nos estudos brasileiros. Essa padronização se refere a um certo nível mínimo de linearidade quando se estuda determinada teoria, determinado tipo de rede ou determinada corrente teórica. De acordo com Cunha, Passador e Passador (2011), ainda existe a carência de definições e de teorizações amplamente aceitas na comunidade acadêmica no que tange à taxonomia de redes.

Em estudos internacionais, verifica-se que algumas diretrizes já têm sido estabelecidas no que se refere ao estudo e aplicação do conceito de redes. Cita-se como exemplo, o estudo de Halinen e Törnroos (2005), apresenta elementos importantes para a pesquisa empírica de estudos de casos de redes interorganizacionais. De forma semelhante, destaca-se o estudo de Araujo e Easton (1996) que em sua revisão de pesquisas envolvendo redes, identificaram cerca de 10 abordagens ou escolas diferentes em redes interorganizacionais. Da mesma forma outras revisões de literatura apresentaram diversas conceituações para redes, entre elas, Balestrin, Verschoore e Reys Junior (2010); Andrigui, Hoffman e Andrade (2011); Alves e Pereira, (2013); Alves, Pereira e Klein (2013) e internacionalmente com uma busca pela relação do uso dos conceitos com as abordagens adequadas pode-se citar Araujo e Easton (1996), Oliver e Ebers (1998), Gulati *et al.* (2000); Contractor, Wasserman e Faust (2006) dentre outros.

Nesse sentido, faltam aparatos teóricos, conceituais e categóricos para uma melhor compreensão dos fenômenos relacionados às redes interorganizacionais. Um dos motivos segundo Franco e Barbeira (2009) está no fato de que as redes interorganizacionais podem ser classificadas a partir da observação de quatro elementos-chave (cooperação, hierarquia, contrato e convivência), possibilitando uma variedade de tipologias de redes. A base para a realização do presente trabalho está no entendimento de que sem um posicionamento e sustentação teórica, não há um pleno entendimento das redes e de avanço no estudo do tema.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é verificar como vem sendo utilizado o conceito de redes ao longo dos anos pelos pesquisadores brasileiros. Para isso, operacionalmente deve-se identificar os conceitos utilizados pelos pesquisadores brasileiros e relacioná-los com as abordagens de redes propostas por Araujo e Easton (1996). Pretende-se, com isso, preencher a lacuna existente no campo teórico do tema redes na determinação das linhas a serem seguidas em futuras pesquisas quando da escolha do fenômeno e posição teórica a ser utilizada. Destaca-se que, embora existam diversas definições sobre o termo de redes, o presente artigo não pretende estipular qual a melhor definição.

Portanto o presente artigo estabelece-se por meio de uma revisão de literatura sobre os artigos publicados em duas bases científicas: (1) a do portal periódicos da CAPES e (2) da Spell, vinculada a Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (ANPAD). A escolha dessas bases se deve ao reconhecimento nacional das mesmas nos estudos no âmbito da administração, o que inclui o tema redes.

Assim, este trabalho insere-se no âmbito de pesquisas que objetivam compreender determinado campo da produção científica, visando melhorar a aplicação de informações e a construção do conhecimento. A teorização e a categorização adequada sobre redes interorganizacionais se torna um meio de se constituir um corpo teórico que possibilite orientar os pesquisadores sobre o tema. Salienta-se que o conhecimento científico é construído na

sociedade, mas influenciado pelos indivíduos que compõem estruturalmente a rede de relações entre as instituições, objetivando não apenas descrever tais relacionamentos, mas também entender como essa estrutura afeta a produção do conhecimento (ROSSONI; HOCAYEN-DASILVA; FERREIRA JUNIOR, 2008).

O artigo está estruturado da seguinte forma: Na primeira seção apresenta-se uma introdução a respeito dos desafios que levaram à realização do presente estudo, seguido na seção dois aborda-se sobre os preceitos teóricos utilizados bem como a definição do termo de rede utilizado para classificar e selecionar os artigos e também uma breve descrição do estudo de Araujo e Easton (1996). Na terceira seção os procedimentos metodológicos. A seguir na quarta seção os resultados sobre a amostra selecionada e a classificação dos artigos analisados em respectivas perspectivas. E por fim na quinta seção realiza-se uma análise e discussão dos dados apresentados na seção anterior buscando demonstrar o uso atual dos conceitos no campo e sugestões para futuras pesquisas em redes.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nessa seção apresentam-se uma contextualização sobre a conceituação de redes e as suas diferentes perspectivas.

2.1 Conceituação de Redes

Redes representam uma alternativa estratégica desenvolvida pelas empresas de diversos setores da economia mundial, em prol de obtenção de algum tipo de vantagem competitiva (LIVATO; DE BENEDICTO, 2010). Prova disso é a crescente importância que os estudos da rede têm atraído através de uma quantidade crescente de esforços de pesquisa resultando em um termo de rede com vários significados e aplicações.

O conceito de redes tem sido muito utilizado na literatura por teóricos organizacionais, algumas vezes de forma indiscriminada, para a investigação de múltiplos fenômenos que envolvem relacionamentos colaborativos entre diversos atores (TURETA; ROSA; ÁVILA, 2006). Segundo Nohria (1992 p. 3) “esta proliferação indiscriminada do conceito de redes ameaça relegá-la ao status de uma metáfora evocativa, aplicada tão incorretamente que acabará significando qualquer coisa”.

Um exemplo disso é o trabalho de Araujo e Easton (1996), em que eles revisaram 10 diferentes abordagens de rede: redes sociais, teoria ator-rede, geografia econômica, redes de inovação, rede política, empreendedorismo em rede, estudos comparativos, redes industriais, redes organizacionais, redes interorganizacionais. Além disso, eles fornecem um esboço reconhecidamente limitado das várias maneiras em que a rede termo tem sido usado em diferentes paradigmas. Ao mesmo tempo, o termo rede adquiriu o caráter de um guarda-chuva, termo genérico segundo o qual uma variedade de posições teóricas e metodológicas das ciências sociais tem procurado refúgio, o que serviu de base para a presente pesquisa posicionando o uso do termo e as escolas nos estudos realizados pelos pesquisadores brasileiros.

Embora, várias dessas abordagens representam perspectivas interessantes sobre a natureza das relações entre empresas, este estudo a seguir não irá realizar um posicionamento como correto mas irá propor por meio de uma breve descrição de cada escola fundamentar o que foi realizado nas análises e discussão do presente artigo quanto a classificação dos estudos realizados no Brasil quanto ao seu posicionamento de redes utilizado e em qual escola esses pesquisadores estão fundamentados.

Na perspectiva das **Redes Sociais** o foco principal da abordagem de redes sociais está em compreender os padrões de interações das pessoas e das relações sociais (ou laços interpessoais entre os atores) e a forma como eles moldam e são moldadas por estruturas sociais. Tal como o pensamento sistêmico, a análise de redes sociais considera indivíduos e seu ambiente como inter-relacionados. No nível micro, a ação de um indivíduo não é estudada de

forma isolada, mas como sendo influenciada, amparada ou constringida por relacionamentos do indivíduo e do meio ambiente, ou seja, de sua rede social (GRANOVETTER, 1973). Da mesma forma que as interações individuais moldam a estrutura da rede social, elas estão inseridas nesta. No nível macro, a ênfase está na estrutura social que emerge a partir dos padrões de vínculos relacionais entre as unidades. Laços relacionais podem ser qualquer tipo de relação entre as unidades, como a transferência de recursos materiais ou não materiais, movimentos físicos, relações hierárquicas, de parentesco ou amizade, e assim por diante (MIRC, 2012).

Já a **Teoria Ator-Rede (ANT)** - também conhecida como a sociologia da tradução - é uma teoria sociológica originalmente desenvolvida pela *Science and Technology Studies (STS)* por estudiosos como Michel Callon (Callon, 1999), Bruno Latour (Latour, 2005) e o sociólogo John Law (Law, 1992) como uma tentativa de compreender os processos de inovação e criação de conhecimento em ciência e tecnologia (HU, 2011).

Esse conceito de ator-rede descreve a noção de que o ator é uma categoria de base empírica, uma associação heterogênea de elementos humanos e não humanos que está aberto à redefinição e transformação. A Teoria Ator-Rede inverte a ideia de que as redes consistem de ligações entre entidades bem estabelecidas. Portando, em resumo, as redes não são mais simples associações entre entidades relativamente estáveis e sem problemas, permitindo que os pesquisadores se concentrem sobre a natureza das ligações entre estas entidades, mas as próprias entidades têm conteúdo variável e geometria variável.

Na perspectiva **Geografia Econômica** aborda-se sobre o fim ou não de modos de produção fordista e do surgimento de redes de pequenas empresas geograficamente concentradas, geralmente conhecidas como novos distritos industriais, como uma alternativa para a grande firma hierárquica. Redes de pequenas empresas que são concentradas em determinadas regiões, com proximidade geográfica e que propiciem um clima de confiança mútua são vistas como alternativas à grande escala, os grandes negócios, os processos de produção especializada e verticalmente integradas

A geografia econômica, com a ascensão assumida do fordismo, onde as corporações foram o vector para a produção industrial e por suas plantas poderem ser localizadas em qualquer lugar, os distritos industriais deixam de desempenhar um papel nas economias industrializadas. Por exemplo, Capecchi (1989) descreve o sistema industrial na área de Emilia-Romagna, no norte da Itália entre os anos de 1950 e 1970 na qual é compreendida como um grande número de pequenas empresas, geograficamente concentradas, produtoras de pequenos lotes com forças de trabalho flexíveis e especializados, que cooperam estreitamente com os clientes deles.

A próxima perspectiva analisada é a da **Redes de Inovação** a qual é definida como um conjunto fechado de ligações selecionadas e explícitas com parceiros no espaço de uma empresa com ativos complementares e relações de mercado, tendo como um dos objetivos principais a redução da incerteza estática e dinâmica (FREEMAN, 1991). Essas redes, como Powell e Grodal (2005) afirmam, contribuem significativamente para as capacidades de inovação das empresas, expondo-as a novas fontes de ideias, permitindo o acesso rápido a recursos e promoção da transferência de conhecimento.

Em resumo, as redes da abordagem inovadora foram passando de um foco em redes sociais de informação levando informações principalmente técnicas e *know-how*, para um foco em relações interorganizacionais e inovação como um fenômeno que ocorre dentro e fora das fronteiras organizacionais. Esta mudança de ênfase abriu um novo domínio da investigação relativa aos modos de governança e regimes de apropriação de produtos de inovação e ao mesmo tempo tem empurrado estudos de inovação mais perto de outras abordagens de rede.

A **Rede Política** é um conceito de nível meso, proporcionando uma ligação entre o nível micro de análise de lidar com papéis de interesses e do governo no contexto de questões políticas específicas e ao nível macro de análise, lidar com questões relacionadas com a

distribuição de energia dentro de estruturas políticas sócio contemporâneas. Rhodes e Marsh (1992) fornecem uma tipologia simples de redes de políticas públicas, a distinção entre comunidades políticas e redes temáticas.

Dessa forma pode-se definir que as redes políticas estão bem equipadas para lidar com a intermediação de interesses em campos organizacionais, e da mesma forma veiculada por organizações intermediárias, como o comércio ou as associações de defesa das empresas (VAN WAARDEN, 1992). O termo rede pode ser entendido em um sentido mais normativo para se referir ao projeto de estruturas de interação entre as agências semiautônomas para promover a entrega de objetivos políticos específicos.

Em **Estudos de Empreendedorismo**, Jack (2010); Slotte-Kock e Coviello (2010) e Galkina (2013), argumentam que empreendedorismo pode ser dividida em duas correntes. A primeira corrente constitui-se em grande parte da visão baseada em recursos e examina como os vários recursos tangíveis e intangíveis obtidos por meio de relações sociais e de negócios de empresários facilitam novas formações de risco e crescimento. A segunda corrente adere à visão de processo e olha para o aspecto dinâmico e evolutivo das relações de rede durante as fases de desenvolvimento de um novo empreendimento. A partir desta perspectiva, formar redes empresariais através de várias etapas, indicam a sua transformação e desenvolvimento.

Em resumo, o termo de rede ainda está aberto ao debate no estudo do empreendedorismo como diferentes autores usam frequentemente o termo para se referir simplesmente para as redes sociais de empresários enquanto outros insistem que o ato de empreendedorismo consiste precisamente na capacidade de mobilizar uma variedade heterogênea de ligações de rede de apoio a um projeto, visão ou ideia de negócio.

Na perspectiva de **Redes em estudos comparativos** incide sobre as diferenças entre o Ocidente e o modelo do Leste Asiático de organizações econômicas. Estudos comparativos são focados nas áreas de sistemas corporativos e grupos empresariais, práticas de gestão e de produção, e ao fundo, contextos institucionais das sociedades e culturas.

Naturalmente que as empresas sediadas nos países ocidentais também podem encontrar desafios na formação de redes globais porque elas não foram necessariamente construídas em uma rede natural de laços relacionais domésticos. Por outro lado, as empresas asiáticas podem ser parcialmente restritas (*dependente path*) por causa de seus fortes laços familiares (HITT; LEE; YÜCEL, 2002).

De acordo com a abordagem de **Redes Industriais**, uma rede nunca está em um estado de equilíbrio. Diferentes processos estão sempre no trabalho em rede e, dependendo do nível de análise, esses processos vão ser conceituados de forma diferente (SJÖBERG, 1994). A rede nesta abordagem é um resultado da interação que é afetada pelas trocas entre os atores e vistas como interativas bem como ambientes promulgados (HAKANSSON; SNEHOTA, 1989). Hakansson e Johanson (1993) explicam que, ao contrário das redes sociais, as redes industriais não são dominadas exclusivamente por relações de troca sociais, mas também consistem em atividades, recursos e suas interdependências.

As redes industriais têm alguns pontos de convergência com a economia dos custos de transação e tem se preocupado com o processo e mudar tanto quanto com as estruturas, e tende a adotar uma visão de estruturas de rede como instanciado nos conjuntos de restrições e oportunidades promulgadas em episódios de interação individual. E pode ser associado principalmente com o estudo das relações diáticas em mercados industriais (EASTON, 1992).

Na perspectiva das **Redes Organizacionais** considera-se problemático porque sua definição decorre pelo fato de que todas as organizações podem ser, e têm sido, tratados como redes com vários tipos de ligações que unem os atores (ARAUJO; EASTON, 1996). Uma forma de considerar o conceito de redes organizacionais é considerando que não são nem verticalmente hierarquias organizadas e nem mercados não organizados regidos pela oferta e demanda (POWELL, 1990). Em vez disso, Contractor, Wasserman e Faust (2006) afirmam que

são formas de comunicação e ligações dinâmicas flexíveis que conectam várias organizações e pessoas para novas entidades que podem criar produtos ou serviços. Estas novas formas são ágeis e estão constantemente se adaptando à medida que novas ligações são adicionadas e as relações se extinguindo.

Por fim, outra perspectiva que também pode ser considerada de difícil delimitação é a das **Redes Interorganizacionais**, pelo fato de não possuir uma definição clara e comumente aceita, em parte devido a origem metafórica do termo e do amplo número de campos de pesquisa aplicando pesquisa de redes (BORGATTI *et al.*, 2009).

Em outras palavras pode-se exemplificar essa dificuldade de delimitação com o estudo de Raab e Kenis (2009) onde apresentam duas formas de se tratar redes. Um lado considera-se teorias do campo da administração e ciências sociais para explicar as características das redes e por outro lado, utiliza-se as características de redes para explicar todos os tipos de fenômenos sociais e resultados das redes interorganizacionais.

Em termos gerais, tanto se concentra em conjuntos de laços recorrentes (por exemplo, recursos, amizade, laços informativos) entre um conjunto de atores (por exemplo, indivíduos, grupos, organizações, etc.); e ambos visam identificar por que os atores que forjar vínculos específicos e em circunstâncias diferentes, e quais as consequências que implicaria a partir dos links interorganizacionais e as posições dos atores em suas relações (FOMBRUN 1982). Rede interorganizacional é como uma resposta intencional de dependências entre as organizações visando uma melhoria do poder e do controle das organizações em rede, a fim de promover o seu sucesso (CONTRACTOR; WASSERMAN; FASUT, 2006).

3 METODOLOGIA

Para criar uma visão sistemática da literatura sobre o uso do conceito de redes e abordagens seguidas, foi utilizado um método de revisão sistemática da literatura, o que implica que os artigos são selecionados com uma forma sistemática, ou seja, usando termos de pesquisa fixos e bases de dados (Figura 1) que se relacionam a redes entre organizações.

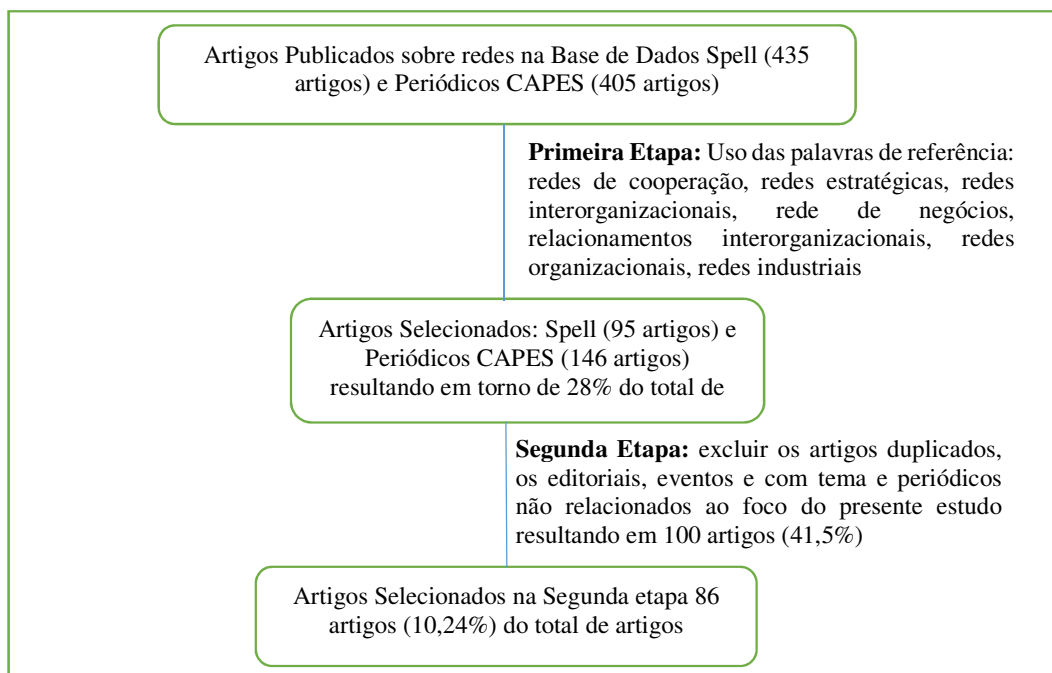


Figura 1 - Etapas e critérios de seleção
Fonte: Elaborado pelos autores

Esta abordagem tem vantagens e desvantagens. A vantagem deste tipo de avaliação está na sua replicação, enquanto uma potencial desvantagem é em uma seleção rigorosa e sistemática dos papéis pode deixar de fora artigos relacionados que caem apenas fora dos critérios de seleção. Para se proteger contra isso, busca-se destacar alguns importantes estudos presentes nos artigos selecionados para com isso contemplar estudos relevantes ao tema.

Para isso, buscou-se na amostra: a) se apresenta e qual o conceito de redes utilizado; b) qual o objetivo do artigo e quais referências foram utilizadas no conceito de redes. Com isso, pode-se verificar como as perspectivas teóricas (referências) influenciam na conceituação utilizada e na Fase 3 ao relacionar e analisar o conceito e as referências utilizadas com a perspectiva teórica utilizada pelos autores, conforme sugere Araujo e Easton (1996), delimitar o posicionamento teórico utilizado pelo artigo e como as diferentes perspectivas teóricas sobre redes vem sendo seguidas pelos estudos brasileiros.

4 RESULTADOS

A seguir a seguir especifica-se as análises em relação a revisão de literatura realizada buscando verificar como as escolas sugeridas por Araujo e Easton (1996) foram utilizados ao longo dos anos pelos autores e identificar o posicionamento utilizado bem como do campo de estudos em redes no Brasil.

4.1 Escolas e o Conceito

Nessa seção apresentam-se qual o conceito pode ser considerado para cada perspectiva tomando por base os estudos realizados pelos pesquisadores brasileiros, deixando claro as diferenças de posicionamentos e contribuições por parte dos artigos e da mesma forma, proporcionar uma visão abrangente sobre o conceito e uma adequação a linhas a serem seguidas em futuros estudos em relação ao conceito a ser utilizado. A distribuição dos resultados seguiu a ordem decrescente conforme demonstrado na Tabela 3 e demonstra que foram identificados artigos na amostra de 86 artigos com mais de uma única perspectiva e contemplando um total de 106 perspectivas em 86 artigos.

Tabela 3 – Abordagens de redes e artigos posicionados

PERSPECTIVA	ARTIGOS	%	PERSPECTIVA	ARTIGOS	%
Redes Interorganizacionais	27	26%	Redes Políticas	7	7%
Redes para Inovação	18	18%	Redes Industriais	6	6%
Redes Organizacionais	15	15%	Estudos Comparativos	5	5%
Economia da Geografia	9	9%	Redes Empreendedorismo	4	4%
Redes Sociais	8	8%	Teoria Ator-Rede	1	1%

Fonte: elaborado pelos autores

Ressalta-se que além dos posicionamentos da Tabela 3 encontrou-se dois artigos não classificados em nenhuma das perspectivas, os estudos de Begnis, Pedrozo e Estivalet (2008) com um estudo que procurou identificar os enfoques centrais, os argumentos, as teorias de base e as principais conclusões alcançadas sobre a temática cooperação interorganizacional por meio de uma revisão de literatura tal como a do presente estudo e com predomínio para as teorias organizacionais da economia dos custos de transação e aprendizagem organizacional e alguns avanços nos estudos da abordagem das redes sociais. Outro Giglio e Hernandez (2012) com um estudo sobre a metodologia de pesquisa sobre redes identificando que a maioria dos autores brasileiros seguem uma busca de relações causais estritas, com objetivos de estudo que são os atores e que assim não conseguem significativos avanços teóricos.

4.2.1 Perspectiva das Redes Interorganizacionais

Na perspectiva redes interorganizacionais está relacionada a configurações interorganizacionais conduzidas por um relacionamento de caráter cooperativo e recíproco entre empresas formalmente independentes e que são criadas quando duas ou mais organizações colaboram umas com as outras como resposta a uma ameaça de desenvolvimento no seu ambiente ou, uma grande oportunidade se apresenta para elas. Percebe-se também que os estudos utilizaram duas referências bases Britto (2002) e Masteralexis, Barr e Hums (2009) para conceituar redes.

Portanto, pode-se verificar que redes podem ser consideradas como “uma cadeia interligada e inter-relacionada de conceitos e relações”. Essas relações são predominantemente criadas quando duas ou mais organizações colaboram umas com as outras como resposta a uma ameaça de desenvolvimento no seu ambiente ou, uma grande oportunidade se apresenta para elas (MASTERALEXIS; BARR; HUMS, 2009). E ao mesmo tempo estão associadas a configurações interorganizacionais conduzidas por um relacionamento de caráter cooperativo e recíproco entre empresas formalmente independentes, gerando uma nova forma de coordenação das atividades econômicas.

A seguir verifica-se outra perspectiva a das Redes para Inovação a qual apresentou a segunda maior concentração de estudos da amostra selecionada.

4.2.2 Perspectiva Redes para Inovação

Pode-se verificar nessa perspectiva uma forma inovativa de obter competitividade e sobreviver no mundo globalizado (OLAVE; AMATO NETO, 2001). Cujo sistema de meios é constituído pela intersecção de segmentos de sistemas autônomos de objetivos. Assim, os componentes da rede tanto são autônomos, quanto dependentes em relação à rede e podem ser uma parte de outras redes e, portanto, de outros sistemas de meios destinados a outros objetivos (RODRIGUES; MACCARI; RISCAROLLI, 2007).

Em uma síntese pode-se dizer que o termo redes baseia-se na cooperação entre vários parceiros Verschoore e Balestrin (2008), e que o trabalho em rede tem potencial de adquirir sinergia e dessa forma criar valor onde a divisão de conhecimento e a troca de ideias são de fundamental importância e além disso redes são instrumentos que podem estimular a competitividade de PME's, regiões e países por meio de inovação (TEIXEIRA; VITCEL; BEBER, 2007).

Um ponto em destaque quanto a inovação foi abordada por Souza e Teixeira (2007), ao afirmar que não necessariamente precisa ser radical, são consideradas também as inovações incrementais implantadas pelas empresas participantes da rede como pequenas melhorias nos processos produtivos e organizacionais advindas do processo de aprendizagem. A ideia utilizada aqui se aproximaria mais do conceito de inovação autônoma proposto por Chesbrough e Teece (1996) segundo o qual uma inovação pode ser realizada de modo independente de outras inovações representando evoluções incrementais em partes do produto ou processo. Contrapõe-se a essa definição o conceito de inovação sistêmica que só pode ser realizada em conjunto com outras inovações relacionadas e complementares.

4.2.3 Perspectiva Redes Organizacionais

Analisando os artigos selecionados na perspectiva redes organizacionais um conceito que pode ser seguido é apresentado por Peci (1999) ao denominar como fenômenos observáveis no nível interorganizacional e intraorganizacional e que por meio de estruturas flexíveis, integradas na busca de uma eficiência coletivas que como afirma Gobbi, Cunha, Brito e Senger (2005) se estabelece por uma articulação conjunta entre as organizações, visando à diluição de riscos e ao compartilhamento de recursos.

Outra denominação pertinente a escola é a de Feldhaus, Pereira e Morais Neto (2012) na qual redes são um conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente. Partindo desta premissa, qualquer organização pode ser entendida e analisada como uma rede de múltiplas relações, tanto intraorganizacionais (na forma dos indivíduos que interagem, trocam experiências e criam vínculos dos mais variados tipos) quanto interorganizacionais (na forma dos relacionamentos com fornecedores, distribuidores, agências reguladoras e outras organizações).

4.2.4 Perspectiva Economia da Geografia

Analisando os artigos selecionados de redes na perspectiva das redes economia da geografia considera-se como mais adequado o conceito apresentado por Crestani, Souza, Bilhar, Bordin e Agostini (2011) ao tratar de redes de cooperação como qualquer forma de parceria entre que pequenas empresas independentes, organizado em um local ou região como base, pertencendo ao mesmo setor industrial (incluindo todas as atividades correnteza acima e correnteza abaixo), empresas individuais que envolva um compartilhamento de objetivos comuns, visando atingir metas e obter lucro para todas entidades envolvidas no processo.

Pode-se perceber que o conceito de redes segue uma linha estratégica principalmente na referência do trabalho de Jarillo (1988) e complementa-se como um agrupamento de empresas destinado a favorecer a atividade de cada uma delas sem que estas tenham relação financeiras entre si, mas que de forma agrupada envolvam-se em compartilhamento de objetivos comuns atingindo metas e lucros para os atores envolvidos no processo.

Após a apresentação de cada uma das escolas, na seção a seguir trata-se de realizar uma análise geral e discussão dos dados apresentados e indicar algumas considerações sobre o que foi pesquisado no Brasil sobre o tema.

4.2.5 Perspectiva Redes Sociais

Segundo Peci (1999) os representantes da "teoria das redes", todas as organizações se situam em redes sociais e devem ser analisadas como tais. Uma rede social tem a ver com um conjunto de pessoas, organizações etc. ligados através de um conjunto de relações sociais de um tipo específico (amizade, transferência de fundos etc.). Como consequência, partindo desta perspectiva, a estrutura de qualquer organização deve ser entendida e analisada em termos de múltiplas redes de relações (NOHRIA, 1992).

Nessa perspectiva pode-se considerar que redes podem ser um conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente. A intensidade e a frequência da interação entre atores sociais são maiores se esses atores forem nós de uma rede do que se não pertencerem a ela (BALESTRIN; ARBAGE, 2007).

Em outras palavras, na perspectiva das redes sociais uma rede, Balestrin e Arbage (2007), consideram que através da rede social de seus membros, poderá ter melhor acesso de recursos, como, por exemplo, capital e influência política. Sua intensidade de laços sociais também permite suportar um compartilhamento livre de informações entre os membros da rede, encorajando o mútuo aprendizado e inovação.

4.2.6 Perspectiva Redes Políticas

Em uma perspectiva redes políticas o conceito em estudos de Gulati (1998) e Gulati *et al.*, (2000) onde consideram como afirma Giglio, Rimoli e Silva (2008), rede como o padrão social atual de convivência, sendo as redes de negócios subsistemas da rede social mais ampla e ao mesmo tempo é a partir do planejamento, como parte de estratégias de empresas (fornecedores e distribuidores) que se unem, a partir de objetivos individuais, basicamente econômicos, desenvolvendo objetivos coletivos.

Analisando essa perspectiva tanto nas definições de Giglio *et al.*, 2008 e Faria (2011) apresentam sobre o conceito de redes na perspectiva de redes políticas um duelo de escolas da área de estratégia: questões humanas versus questões econômicas. Por outro lado, Livato e De Benedicto (2010) demonstra de maneira menos direta essa relação, mas pelo conceito do Gulati (1998) utilizado pode-se verificar o lado social no grupo de pessoas ou organizações ligadas e do lado econômico quando se especifica a um fim específico que busca melhoria de sua posição competitiva.

4.2.7 Redes na perspectiva Redes Industriais

Nessa perspectiva, as redes podem ser consideradas como afirmam Guerrinia e Vergnab (2011), qualquer tipo de ligação (recursos, amizade, informação) entre nós (indivíduos, grupos, organizações, sistemas de informação) que se estabelecem por meio de nós, posições, ligações e fluxos. Os nós são um conjunto de atores, objetos ou eventos. As posições estão associadas à divisão do trabalho. As ligações determinam o grau de difusão ou densidade dos atores. Os fluxos podem ser tangíveis (insumos e produtos) e intangíveis (informações).

Seguindo nessa perspectiva das redes industriais os autores Balestrin, Verschoore e Perucia (2014) a partir das lentes da estrutura da indústria, da visão baseada em recursos e dos custos de transação, contemplam a busca da vantagem competitiva decorre de um jogo de soma nula, onde um ganho decorre de uma perda de igual valor por uma das partes envolvidas de seus recursos resulta em uma visão voltada pela competitividade e não por uma vantagem competitiva por natureza. E que por meio das redes pode-se avançar incluindo a possibilidade de se estabelecer no mercado um jogo de soma positiva, isto é, ambas as partes podem ter um resultado positivo em determinada relação.

4.2.8 Perspectiva de Estudos Comparativos

Na linha de estudos comparativos existe uma necessidade de um melhor aprofundamento sobre os estudos realizados nessa perspectiva, pelo fato de se tratar de uma perspectiva que aborda questões culturais como mercado e hierarquia e que no Brasil os estudos seguem uma linha competitiva ou da cultura norte-americana e por outro lado, na Europa segue uma linha de relações mais individuais voltadas para o conhecimento (ALVES; PEREIRA; KLEIN, 2013).

Um conceito que pode ser considerado dentre os estudos analisados é o sugerido por Tureta, Lima e Paço-Cunha (2006) onde mesmo os autores possuem atuando na perspectiva de redes interorganizacionais apresentam as redes como uma forma de coordenação das atividades socioeconômicas situadas entre as tradicionais formas de coordenação (mercado e hierarquia).

Em síntese, o conceito de redes dessa perspectiva apresenta uma visão voltada para atividades de coordenação (mercado e hierarquia) onde as redes são estabelecidas por dois ou mais atores que legitimam uma autoridade para arbitrar e resolver disputas presentes nessa perspectiva durante as relações de trocas (FIGUEIREDO; PAULILLO, 2005).

4.2.9 Perspectiva Redes Empreendedoras

Na perspectiva empreendedora no Brasil pode-se destacar um conceito apresentado por Pedrozo e Pereira (2006) que denominam redes como sendo interações sociais, que envolvem um grupo de empresas buscando interesses comuns, que requerem ações conjuntas e que podem ser realizadas coletivamente e não individualmente. Essa ação coletiva se refere às atividades que requerem a coordenação de esforços de dois ou mais indivíduos. Os grupos podem ser formais ou informais, mas independentemente da natureza do grupo, um problema de ação coletiva aparece quando as ações dos membros são interdependentes: o resultado para uma pessoa depende da ação das outras.

Além disso, nos artigos selecionados identificou-se que numa perspectiva empreendedora de redes por exemplo, Vale, Wilkinson e Amâncio (2008) consideram o papel do empreendedor em rede como os capazes de desobstruir ou desbloquear algumas rotas, preenchendo descontinuidades existentes nas redes. Geradores, assim, de novas rotas e de expansão do mercado e além disso, os capazes de agregar valor à atividade produtiva, intermediando as conexões entre os autores.

4.2.10 Perspectiva *Actor-network theory*

Analisando o artigo selecionado que apresenta uma perspectiva ator-rede pode-se verificar um único estudo realizado por Amantino-de-Andrade (2004) no qual as redes são constituídas e reproduzidas por meio de estratégias conscientes e práticas inconscientes, naquilo que se denomina translações, a fim de serem estabelecidas materialidades dinâmicas. Onde a ordem é um efeito gerado pela heterogeneidade de significados, no qual a sua translação implica transformação e possibilidade de equivalência, a possibilidade de que uma coisa (por exemplo, um ator) possa representar para outra (por exemplo, uma rede) sendo assim, o poder não a causa, mas efeito.

Sobre a pouca produção de estudos sobre redes no Brasil com um enfoque da *actor-network theory* deve-se muito pela dificuldade dos pesquisadores em transpor dualidades estanques e conviver com incertezas que impedem a percepção completa da dinamicidade das relações, essa é a principal intenção da *actor-network theory* (LATOUR, 2005). Para Law (1994), resistir a rótulos de categorização epistemológica e falar sobre uma ordenação, em vez de uma ordem, é o que caracteriza a *actor-network theory*. Uma outra consideração pode-se pelo fato de que nos estudos realizados no Brasil seguem uma abordagem que busca mais pela estabilidade e governança dos relacionamentos do que uma visão de produção social por meio dos relacionamentos.

Por fim, a partir desses resultados a seguir apresentam-se algumas considerações importantes sobre as perspectivas e sobre como vem sendo utilizado o conceito de redes e como pode ser seguido futuros estudos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questões de delimitação de rede são, naturalmente, importantes para a compreensão de quais as organizações incluir em um estudo de rede. Para a maior parte, a delimitação da rede é uma questão melhor respondida por pesquisadores individuais com base em seu conhecimento de uma rede e suas atividades. Em termos gerais, redes são delimitadas apenas por aquelas organizações que interagem uns com os outros em um esforço para alcançar um objetivo comum.

Pode-se verificar na revisão de literatura realizada que os estudos brasileiros analisados estão concentrados em redes formalmente criadas, governadas e dirigidas para uma meta. A partir disso, a lacuna na literatura de redes, que o presente artigo buscou preencher é o de apresentar que no Brasil diversas perspectivas são utilizadas e da mesma forma não são excludentes, mas em alguns momentos podem ser integradas. Essa resposta fortalece a difusão de diversas perspectivas sobre redes nos estudos brasileiros desde que sejam considerados os fenômenos estudados e não a uma perspectiva única.

Em outras palavras, diversas perspectivas sobre redes buscaram se posicionar ao longo do tempo e levantar a partir dos resultados uma diversificação de linhas que abordam sobre redes do Brasil o que pode ser justificado pelo ponto de vista sobre o campo de estudos redes. Acredita-se que com esse estudo, futuros estudos possam se posicionar e de uma forma integrada potencializar a representatividade em periódicos internacionais dos estudos brasileiros como previamente já demonstraram outros estudos.

Por outro lado, o presente estudo demonstrou que a concentração de produção em uma única perspectiva é baixa considerando a amostra analisada e que existe possibilidades de avanços em cada perspectiva por parte dos pesquisadores de redes e consequentemente uma maior representatividade internacionalmente desde que se realize uma posição mais clara sobre a perspectiva utilizada. Para tanto, sugere-se novos estudos analisando metodologias de pesquisa realizadas em cada perspectiva e análise dos objetos analisados para verificar com quais lentes estão sendo analisados e que sejam seguidos os conceitos apresentados nesse artigo como base de posicionamento em futuros estudos empíricos nesse campo.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, J. N.; PEREIRA, B. A. D. Análise das Publicações Nacionais sobre Estudos em Relacionamentos Interorganizacionais 2004-2009 DOI: 10.5773/rai. v10i2. 880. **RAI: revista de administração e inovação**, v. 10, n. 2, p. 169-198, 2013.

ALVES, J. N.; PEREIRA, B. A. D.; KLEIN, L. L. Avanços e Tendências nos Relacionamentos Interorganizacionais: Um Paralelo Entre Estudos Brasileiros e Internacionais. **REGE Revista de Gestão**, v. 20, n. 1, p. 3-20, 2013.

AMANTINO-DE-ANDRADE, J. *Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais?* **Cadernos Ebape. BR**, v. 2, n. 2, p. 01-14, 2004.

ARAÚJO, L.; EASTON, G. Networks in Socio-Economic Systems: A Critical Review. In D. Iacobucci (Ed.), **Networks in Marketing** (pp. 63-107). London: Sage, 1996.

BALESTRIN, A.; ARBAGE, A. P. A perspectiva dos custos de transação na formação de redes de cooperação. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, 2007.

BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. R.; REYES JUNIOR, E. **O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil**. 2010. SciELO Brasil

BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. R.; PERUCIA, A. A visão relacional da estratégia: evidências empíricas em redes de cooperação empresarial. **Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS**, v. 11, n. 1, p. 47-58, 2014.

BEGNIS, H. S.; PEDROZO, E. A.; ESTIVALETE, V. F. Cooperação como estratégia segundo diferentes perspectivas teóricas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 10, n. 21, p. 97-121, 2008.

BORGATTI, S. P.; MEHRA, A.; BRASS, D. J.; LABIANCA, G. Network analysis in the social sciences. **Science**, v. 323, n. 5916, p. 892-895, 2009.

BRASS, D.; GALASKIEWICZ, J.; GREVE, H.; TSAI, W. Taking Stock of Networks and Organizations: A Multilevel Perspective. **Academy of Management Journal**, v. 47, n. 6: p. 795-817, 2004.

BRITTO, J. Cooperação interindustrial e redes de empresas. In: Kupfer, D., & Hasenclever, L. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

- CALLON, M. Actor-network theory—the market test. **The Sociological Review**, v. 47, p. 181-195, 1999.
- CAPECCHI, V. The Informal Economy and the Development of Flexible Specialization in Emilia-Romagna. In: Alejandro Portes, Manuel Castells e Lauren A. Benton, eds., **The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- CHESBROUGH, H. W.; TEECE, D. J. When is virtual virtuous: Organizing for innovation. **Harvard Business Review**, January-February, 1996.
- CONTRACTOR, N. S.; WASSERMAN, S.; FAUST, K. Testing multi-theoretical, multilevel hypotheses about organizational networks: An analytic framework and empirical example. **Academy of Management Review**, v. 31, n. 3, p. 681-703, 2006.
- CORSTEN, D.; GRUEN, T.; PEYINGAUS, M. The effects of supplier-to-buyer identification on operational performance – An empirical investigation of inter-organizational identification in automotive relationships. **Journal of Operations Management**, v. 29, p.549-560, 2011.
- CRESTANI, L. M.; SOUZA, A. G.; BILHAR, A.; BORDIN, B.; AGOSTINI, M. R. Redes de cooperação: motivação x satisfação na rede super útil de supermercados de Passo Fundo/RS/Brasil. **Revista de Administração IMED**, v. 1, n. 1, p. 123-146, 2011.
- CUNHA, J. A. C. da; PASSADOR, J. L.; PASSADOR, C. S. Recomendações e apontamentos para categorizações em pesquisas sobre redes interorganizacionais. **Cadernos Ebape.br**, v. 9, Edição Especial, artigo 4, p.505–529, Rio de Janeiro, jul. 2011.
- DYER, J. H.; CHU, W. The role of trustworthiness in reducing transaction costs and improving performance: Empirical evidence from the United States, Japan, and Korea. **Organization Science**, v. 14, n. 1, p. 57-68, 2003.
- EASTON, G. Industrial networks: a review. In. AXELSSON, B.; EASTON, G. (eds.) **Industrial networks: a new view of reality**. London: Routledge, 1992.
- FARIA, A. Rethinking strategic networks. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 1, p. 84-102, 2011.
- FELDHAUS, D. C.; PEREIRA, M. F.; DE MORAIS NETO, S. Gestão Estratégica em Redes: Desenvolvimento e Aplicação de um Modelo na Brasil Júnior. **Revista de Gestão e Projetos-GeP**, v. 3, n. 3, p. 136-155, 2012.
- FIGUEIREDO, J. C.; PAULILLO, L. F. Gênese, modernização e reestruturação do complexo agroindustrial lácteo brasileiro. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 2, p. 173-187, 2015.
- FOMBRUN, C. J. Strategies for network research in organizations. **Academy of Management Review**, v. 7, n. 2, p. 280-291, 1982.

- FRANCO, M. J. B.; BARBEIRA, M. R. R. S. Um sistema de gestão do conhecimento como fomentador de redes estratégicas interorganizacionais. DOI: 10.5585/riae.v8i2.1643. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 8, n. 2, p. 04-30, 2009.
- FREEMAN, C. Networks of innovators: a synthesis of research issues. **Research policy**, v. 20, n. 5, p. 499-514, 1991.
- JARILLO, J. Carlos. On strategic networks. *Strategic management journal*, v. 9, n. 1, p. 31-41, 1988.
- GALKINA, T. Entrepreneurial networking: Intended and unintended processes. **Economics and Society**, Edita Prima Ltd, Helsinki, 2013.
- GIGLIO, E. M.; RIMOLI, C. A.; SILVA, R. S. Reflexões sobre os Fatores Relevantes no Nascimento e no Crescimento de Redes de Negócios na Agropecuária. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 10, n. 2, p. 279-292, 2008.
- GIGLIO, E. M.; HERNANDEZ, J. L. G. Discussions on Business Networks Research Methodology Present in a Sample of Brazilian Scientific Production and Proposal for a Guiding Model. **RBGN Review of Business Management**, v. 14, n. 42, p. 78-101, 2012.
- GOBBI, B. C.; CUNHA, E. P.; BRITO, M. J. D.; SENGER, I. Politizando o conceito de redes organizacionais: uma reflexão teórica da governança como jogo de poder. **Cadernos Ebape. BR**, v. 3, n. 1, p. 01-16, 2005.
- GUERRINIA, F. M.; VERGNAB, J. R. G. Um modelo de atores e recursos para redes de cooperação entre empresas em obras de edificações. **Produção (São Paulo. Impresso)**, v. 21, p. 14-26, 2011.
- GULATI, R. Alliances and networks. **Strategic management journal**, v. 19, n. 4, p. 293-317, 1998.
- GULATI, R.; NOHRIA, N.; ZAHEER, A. Guest editors' introduction to the special issue: strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 21, n. 3, p. 199-201, 2000.
- GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, p. 1360-1380, 1973.
- HALINEN, A.; TÖRNROOS, J. Using case methods in the study of contemporary business networks. **Journal of Business Research**, v. 58, n. 9, p. 1285-1297, 2005.
- HAKANSSON, H.; SNEHOTA, I. No business is an island: the network concept of business strategy. **Scandinavian Journal of Management**, v. 5, n. 3, p. 187-200, 1989.
- HAKANSSON, H.; JOHANSON, J. Industrial functions of business relationships. Sharma, DD (ed.), **Industrial Networks, Advances in International Marketing**, v. 5, p. 13-29, 1993.
- HITT, M. A.; LEE, H.-U.; YUCEL, E. The importance of social capital to the management of multinational enterprises: Relational networks among Asian and Western firms. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 19, n. 2-3, p. 353-372, 2002.

HU, D. **Using actor-network theory to understand inter-organizational network aspects for strategic information systems planning**. 2011. (Master Thesis). Business information technology, University of Twente, Enschede, The Netherlands.

JACK, S. L. Approaches to studying networks: Implications and outcomes. **Journal of Business Venturing**, v. 25, n. 1, p. 120-137, 2010.

LARSON, A. Network dyads in entrepreneurial settings: A study of the governance of exchange relationships. **Administrative Science Quarterly**, p. 76-104, 1992.

LATOUR, B. Reassembling the social-an introduction to actor-network-theory. **Reassembling the Social-An Introduction to Actor-Network-Theory**, by Bruno Latour, pp. 316. Foreword by Bruno Latour. Oxford University Press, Sep. ISBN-10: 0199256047. ISBN-13: 9780199256044, 1, 2005.

LAW, J. Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, p. 379-393, 1992.

LIVATO, M.; BENEDICTO, G. C. de. Redes de cooperação no varejo: um estudo teórico-empírico em centrais de negócios supermercadistas no Estado de São Paulo. **Base: revista de administração e contabilidade da Unisinos**, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 221-232, jul./set. 2010.

MASTERALEXIS, L.; BARR, C.; HUMS, M. **Principles and practice of sport management**. 3. ed. Sudbury, MA: Jones & Bartlett Publishers, 2009.

MIRC, N. Connecting the micro-and macro-level: Proposition of a research design to study post-acquisition synergies through a social network approach. **Scandinavian Journal of Management**, v. 28, n. 2, p. 121-135, 2012.

NOHRIA, N. Introduction: Is a network perspective a useful way of studying organizations. **Networks and organizations: Structure, form, and action**, v. 1, p. 22, 1992.

OLAVE, M. E. L.; NETO, J. A. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **CEP**, v. 5508, p. 900, 2001.

OLIVER, A. L.; EBERS, M. Networking network studies: an analysis of conceptual configurations in the study of inter-organizational relationships. **Organization Studies**, v. 19, n. 4, p. 549-583, 1998.

PECI, A. Emergência e proliferação de redes organizacionais: marcando mudanças no mundo de negócios. **Revista de Administração Pública**, v. 33, n. 6, p. 7 a 24, 1999.

PEDROZO, E. Á.; PEREIRA, B. A. D. Empreendedorismo Coletivo é Possível? Uma análise do processo de constituição de relacionamentos cooperativos em rede. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 12, n. 4, 2006.

- POWELL, W. W. Neither market nor hierarchy: Network forms of organization. In: Barry Staw and L.L. Cummings (eds.), **Research in Organizational Behavior**, v. 12: p. 295-336. Greenwich, CT: JAI Press, 1990.
- POWELL, W. W.; GRODAL, S. Networks of innovators. **The Oxford handbook of innovation**, p. 56-85, 2005.
- RAAB, J.; KENIS, P. Heading Toward a Society of Networks Empirical Developments and Theoretical Challenges. **Journal of Management Inquiry**, v. 18, n. 3, p. 198-210, 2009.
- RHODES, R. A.; MARSH, D. New directions in the study of policy networks. **European Journal of Political Research**, v. 21, n. 1-2, p. 181-205, 1992.
- RODRIGUES, L. C.; MACCARI, E. A.; RISCAROLLI, V. Arquitetura e coopetição em redes interorganizacionais. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v. 4, n. 2, p. 175-196, 2007.
- ROSSONI, L.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; JÚNIOR, I. F. Aspectos estruturais da cooperação entre pesquisadores no campo de administração pública e gestão social: análise das redes entre instituições no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 42, n. 6, p. 1041 a 1067, 2008.
- SJÖBERG, O. **Acta Sociologica**, v. 37, n. 4, p. 423-426, 1994.
- SLOTTE-KOCK, S.; COVIELLO, N. Entrepreneurship research on network processes: A review and ways forward. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 34, n. 1, p. 31-57, 2010.
- SOUZA, C. M.; TEIXEIRA, F. O papel da capacitação e da inovação na consolidação de redes de cooperação interempresariais. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 8, n. 1, p. 106-117, 2007.
- TEIXEIRA, E. B.; VITCEL, M. S.; BEBER, M. C. Cooperação estratégica, redes de cooperação e desenvolvimento regional: o caso Unijuí/Sedai. **Desenvolvimento em Questão**, v. 5, n. 10, p. 187-210, 2007.
- TURETA, C.; DE LIMA, J. B.; PAÇO-CUNHA, E. Governança e mecanismos de controle social em redes organizacionais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 8, n. 1, 2006.
- TURETA, C.; ROSA, A. R.; ÁVILA, S. C. Da teoria sistêmica ao conceito de redes interorganizacionais: um estudo exploratório da teoria das organizações. **Revista de Administração da Unimep-Unimep Business Journal**, v. 4, n. 1, p. 1, 2006.
- VALE, G. V.; WILKINSON, J.; AMÂNCIO, R. Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. **RAE-eletrônica**, v. 7, n. 1, p. 7, 2008.
- VERSCHOORE, J. R.; BALESTRIN, A. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. **RAC, Curitiba**, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.